

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 76 1 DE FEVEREIRO 1881	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	8120		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antoulo das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possesões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca)	15\$000	7\$500	—	—		

AVISO

É correspondente d'esta empresa em Santos, provincia de S. Paulo, Brazil, o sr. Raymundo Gonçalves Corvello.

como já sobeja a agua nos modestos rios, até agora regatos murmurosos que inspiravam as sentidas endeixas do lyrismo borda d'agua e que hoje tem já os impetos energicos dos amplos mares.

O temporal teve saudades de Portugal e veiu fazer-nos a sua visita molhada.

O Arsenal já içou o seu camaroeiro, o pavi-

lho real que designa a visita d'esse velho monarcha Eolo tão fallado pelos bons classicos e hoje tão pouco em moda na litteratura.

Elle tambem vingou-se, como um patife deus que foi, dos desprezos dos folhetinistas modernos, fazendo-lhes voar os chapéus pelas lamas da cidade, e pondo-lhes as calvas á mostra, porque as amplas cabelleiras românticas estão tão fóra

de moda como a lendaria mythologia antiga.

Andatudo n'uma dança por essas ruas fóra, as saías das senhoras, os chapéus dos cavalheiros, os muros das casas velhas, as arvores das hortas, a enchada dos trabalhadores, e as cabeças dos politicos.

Dois grandes acontecimentos tem n'estes ultimos tempos feito fluctuar as abas das sobre-casacas, e a eloquencia oratoria, dos pacificos portuguezes, o tufão e a fornada.

A fornada já está velha, agora quando se serve á faminta discussão lisboeta é requentada, como o caldo das mesas redondas dos hotéis da baixa: o tufão é novo e é fresco, muito fresco mesmo, que o digam os defluxos que elle tem inspirado, e os espirros que tem merecido nos narizes portuguezes: fallemos pois do tufão.

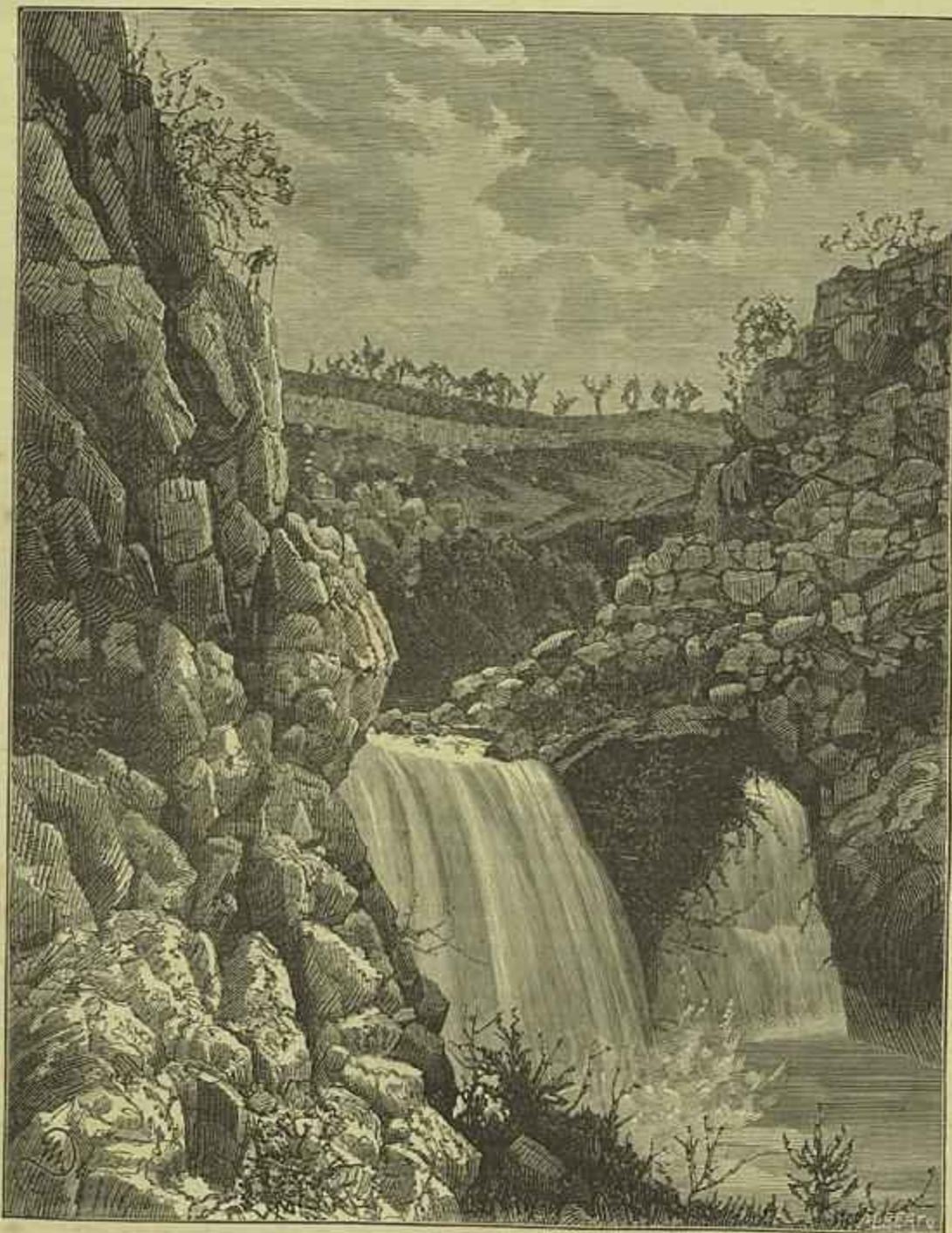
Elle anda ali todos os dias pelas ruas, pára ás vezes á porta da Havana, vae de quando em quando ao gremio, apparece no salão de S. Carlos, quando apanha as portas abertas, e deixa nas casas particulares o seu bilhete de visita, quando a creada vem á escada ás compras.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, **GRAVADO** Lobato — Congressos anthropologico e litterario, trabalhos dos congressos, R. — Viagens do sr. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa Equatorial, **ALBERTO DE CERVAS** — As nossas gravuras — Emilio Achilles Monteverde, Visconde de Bernalcán — Dr. Miguel Lucio de Albuquerque Mello. G. L. — Noticias Soltas, Fr. Francisco de Jesus Christo, **JACINTHO PERES** — A tomada de Quilós, CURNA E SÁ — Expulsão dos Jesuitas, **FILHO D'ALMEIDA** — Publicações.

GRAVURAS. — Condeixa a Nova, Gruta da Lapinha — Theatro de D. Maria Pia, em Leiria, vista exterior, sala de espectáculo, panno de bocca — Conselheiro Emilio Achilles Monteverde — Typo Masongo — Velho Bangala do Quembo — Typo Ganguella — Mulca do Cusse oriunda de Gallangue — Typo Ganguella — Typo Bangala do Iongo — Typo Masongo — Mulher Bihanna — Typo Gallangue carregador — Typo Ganguella — Dr. Miguel Lucio de Albuquerque Mello — Enigma.

PORTUGAL PITTORESCO



CONDEIXA A NOVA — GRUTA DA LAPINHA — (Segundo uma photographia do sr. Carlos Reivas.)

CHRONICA OCCIDENTAL

Estamos outra vez em 1876!... por ora o que falta são os bilhetes de beneficio.

Mas não de sobejar, com certeza,

Este anno vem folgasão, alegre, divertido, muito mais divertido que ha cinco annos: faz as suas partidas de estudante endiabrado e por enquanto a sua esposa, a Cheia, tem feito mais constipados, que victimas serias; honra lhe seja.

Eu fallo simplesmente de Lisboa, que lá fóra, não sei bem, e mesmo ninguém o sabe ao certo, o que ella tem feito, mas parece que não tem sido tão innocente e tão patusea como ao pé de nós.

Cá, o que ella tem feito tem sua graça. Um dia transformou o caneiro d'Alcantara, aquelle modesto e humilde caneiro, n'um bello rio, e como não tinha peixes para lhe deitar dentro e dar-lhe todo o attractivo d'um rio que se presa, o que fez? Pegou nas laranjas que o seu companheiro o Tufão andava a roubar dos pomares das vizinhanças, e atirou-as para o caneiro a fingirem peixes dourados, que corriam para o mar com a rapidez vertiginosa e proverbial, com que os pequenos regatos correm para os grandes rios.

E a industriosa ociosidade lisboeta achou-se um bello dia, ou antes um medonho dia, sentada gravemente nas margens do caneiro d'Alcantara, com toda a convicção e com todos os cestos de que podia dispôr, a pescar... laranjas.

Em Bemfica a cheia lembrou-se de transformar a estrada em Tejo e os omnibus em Barcas de Banhos.

Na Junqueira, a agua chegou á altura de meio metro; a estação dos americanos parecia um tanque e os cocheiros sem poderem sahir das plataformas tinham todo o aspecto de cysnes... pretos. Ah! a agua foi tanta, que um jornal chegou a dizer, comovido, que dava pelos joelhos dos carros americanos!

Coisas assombrosas e molhadas! Na rua do Passadizo os muros não fizeram estes dias outra coisa senão desabar, desde pela manhã até á noite; ninguém se mette n'um americano para Algés sem levar boia de salvação, ninguém se aventura a ir ao Campo Pequeno sem saber nadar, ninguém se atreve a trepar para a almofada do omnibus da Porcalhota, sem vestir fato de banho!

— Mas no meio de tudo isto, ao lado d'estas cheias inoffensivas que só lavam as rodas dos carros, e tem a vantagem de afogar as febres que ahí andavam a pullular dos canos, ha prejuizos serios, e começam a apparecer do Riba-Tejo noticias graves, tristes e assustadoras. Para lá, as cheias são menos comicas e já não admittem sorrisos, fazem lagrimas aos lavradores que vêem desaparecer debaixo de extensos lençoes d'agua o seu trabalho d'hontem, o seu pão d'amanhã. O governo tem tomado providencias energicas para socorrer os desgraçados a quem a inundação rouba os haveres ameaçando roubar-lhes a vida. O panorama para esse lado é mais serio, mais grave, e pode muito bem ser, se o inverno assim continua, mais tragico.

Oxalá que o não seja, embora com isso se perciam muitos *cotillons* caridosos, e muitas walsas philantropicas.

— Depois da fornada e do tufão, o que conseguiu occupar mais as atenções de Lisboa, foi o sr. Bottesini no theatro de S. Carlos e o sr. Donoso no theatro de D. Fernando.

O sr. Bottezini toca esplendidamente rabeção, e o sr. Donoso, ia sendo esplendidamente tocado... á pedrada.

Historiemos estes dois factos theatraes contemporaneos.

O sr. Bottezini é um sympathico homem dos seus trinta a quarenta annos que teve um dia a phantasia exquisita de fazer do rabeção um instrumento apresentavel.

E lançou-se a elle com muito talento, com muito estudo, com muito trabalho e o caso é que conseguiu chegar a ser o primeiro virtuoso do mundo.

Ora ser o primeiro virtuoso do mundo já não é pouco, mas sel-o no rabeção é que é verdadeiramente inacreditavel.

Pois no fim de contas é uma realidade, e toda a gente pode vel-o com os seus olhos. O que é triste para Lisboa é que pouca gente teve essa curiosidade, ao passo que toda a cidade tinha os olhos fitos na scena equestre *Maseppa* no Circo de Price.

Na primeira noite, que o sr. Bottezini appareceu com o seu rabeção no palco de S. Carlos, o theatro estava deserto. É verdade que para contrabalançar a reputação do celebre artista havia o *Baile de Mascaras*. A meia duzia de pessoas que o ouvio veio de lá assombada. Entretanto o resto do publico assombrou-se, faça-se-lhe esta justiça, mas não foi lá. E se o *Roberto* e os *Huguenotes* não viessem dar um reforço ao sr. Bottezini, o grande virtuoso ficaria imaginando que a população de Lisboa se compunha apenas do sr. José Carlos.

Felizmente para os ouvidos lisboetas, as duas operas de Meyerbeer conseguiram encher o theatro, e o sr. Bottezini conseguiu dar dois concertos de rabeção, sem ser positivamente a *solo*.

Ora Lisboa tem visto ha tempos para cá extraordinarias exquisitices, mulheres peixes, que vivem debaixo d'agua, como nós não eramos capazes de viver em cima, indios que engolem azeite a ferver, hercules que offerecem o estómago para n'elle se quebrar pedregulhos enormes, etc.; mas o que com certeza nunca tinha visto, nem imaginava ver, era o rabeção grande a dar solos como um violino ou uma flauta.

É inesperado, é assombroso, parece coisa de feiticaria. Um instrumento d'aquelles, um monstro pelo tamanho, pelo feitio e pela voz, o hypopotamo da orchestra, suspirando como uma harpa, gemendo como uma rola, tendo a agilidade das andorinhas e o canto apaixonado dos rouxinocs.

E tudo isto faz Bottezini, como se fosse a coisa mais natural do mundo, e a gente olha para aquelle enorme rabeção, para aquellas grossas cordas brutaes que parecem veias inchadas d'um gigante musculoso, e julga sonhar, quando as ouve trinar suavemente como a garganta d'uma soprano maravilhosa. É assombroso, realmente assombroso; muito mais mysterioso que o Ling-look, sem comparação alguma; porque beber azeite a ferver custa a engulir, mas em summa engole-se, com mais ou menos protestos da larynge, mas tocar assim rabeção grande, custa a acreditar, e sobre tudo custa a tocar, muitissimo.

Depois do Bottesini só o que nos resta ouvir é um solo de timbales ou uma fantasia de bombo.

— O acontecimento do theatro de D. Fernando, um theatro que ha na rua do Olival é muito menos lyrico, mas não é menos curioso. Alguns livres pensadores da nossa terra lembraram-se de realizar ali um *meeting* para tratarem profundamente da grave questão dos jesuitas, enxotados de França pela lei Ferry e que se espalharam agora por toda a Europa, á procura de refugio, como um bando de morcegos quando os afugentam dos seus ninhos.

Até aqui muito bem, somos profundamente anti-clericaes, mas descansem, que não vamos arregimentar aqui phrases de ha muito feitas contra os jesuitas, essas negras soutainas que... os terriveis abutres da reacção que...

Ora n'esse *meeting* onde se tratava de discutir a questão dos jesuitas com toda a tolerancia de quem tem por principio a liberdade do pensamento, houve um homem, o sr. Donoso, que tomando a serio essa liberdade de pensar, pensou que os jesuitas eram muito boas pessoas, muito uteis, muito necessarios, e pensou que o podia dizer, e disse-o. Mas, pobre Sr. Donoso, tão depressa elle abriu a bocca para defender os jesuitas para expôr o seu modo de pensar, o partido contrario atirou-lhe com... com argumentos esmagadores, talvez? Não senhores, com pedras. E a policia teve que intervir, teve que desmanchar o *meeting*, teve que acompanhar o Sr. Donoso a casa, para lhe não darem cabo da pelle, com o fim muito louvavel de lhe provarem logicamente que os jesuitas são os *negros abutres da reacção*,

de lhe rebaterem os seus argumentos, mas de os rebater batendo-lhe, uma interpretação muito positivista do verbo rebater.

E o Sr. Donoso ficou assim sabendo o que o *meeting* entende por liberdade de pensar, pouco mais ou menos o mesmo que o Sr. Leoní, n'uma engraçada scena comica do Sr. Garrido o *Alho*, entendia por obediencia.

— Eu obedeço-lhe, dizia o *Alho*, eu caso com quem meu pae quizer, comtanto que seja com a Domingas.

GERVASIO LOBATO.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Como se viu pelo que dissemos ultimamente não ficou completamente assente entre os sabios a existencia do homem, ou ser intelligente durante o periodo terciario. Se para alguns foram decisivas as provas apresentadas, outros espiritos mais positivos não ficaram ainda perfeitamente convencidos da importancia d'ellas.

Continuaram portanto as pesquisas em diversos pontos. Na sessão do congresso de Buda-Pesth em 1876 causou profunda sensação, uma communicação feita pelo illustre professor de Bolonha o sr. Capellini.

O sabio italiano, durante as suas excavações e pesquisas geologicas, encontrára alguns ossos — costellas — de um cetaceo do periodo terciario, época *pliocene*, (*to balenotus*) sobre os quaes eram visiveis diversas incisões de forma singular, que o illustre professor affirmava não terem podido ser feitas senão por meio de sillex d'esse periodo, manejados pela mão de um ser intelligente.

Esta communicação causou grande impressão n'aquella reunião scientifica; dividiram-se, como não podia deixar de ser, as opiniões dos membros d'ella, e afinal concordaram em que era preciso provas mais positivas, e um exame mais demorado sobre a forma e direcção das incisões manifestadas nos ossos citados, para se poder assentar um juizo seguro acerca do modo e instrumento que as podera ter produzido.

Se o espirito d'aquelle congresso foi vivamente abalado pelas communicações do professor Capellini, não foi menor a impressão que passado algum tempo causou na Sociedade das sciencias anthropologicas de Paris, uma nota relativa ás experiencias feitas sobre esse assumpto pelo sr. Magiot.

Em conformidade com as indicações do congresso de Buda-Pesth, o sr. Capellini fizera moldar em gesso as costellas do *balenotus*, por elle encontradas, e enviara as moldagens ao illustre Broca.

Apresentadas que foram suscitou-se discussão a tal respeito, e opinando alguém (o sr. Evans) que as incisões patenteadas poderiam ter sido produzidas pelos dentes de outro animal, da época do *balenotus*, mostrou-se a inverosimillança d'essa opinião, porque a impressão dos dentes de uma maxilla, importa o apparecimento da impressão dos da outra, e as incisões apresentavam-se como que circulares ao osso, e só poderiam ter sido produzidas por um choque.

Foi então que o sr. Magiot deu conta das suas experiencias interessantissimas. Obtida a necessaria autorisação do director do museu de Paris, fez o illustre doutor macerar em agua durante uma semana ossos de balea, e depois de os ter feito adquirir por esse processo a elasticidade que teriam no estado de vida, dirigiu sobre elles a acção do esporão (*rostrum*) de varios animas e instrumentos da mesma época, espartado, peixe serra o sillex, julgados do periodo terciario.

Viu-se por esse modo que as impressões produzidas por varios ataques do esporão do espartado, coincidiam exactamente com a forma apresentada pelas que se notavam nos ossos encontrados pelo professor Capellini, que as incisões causadas pelo peixe serra em nada se lhe poderiam comparar, nem tão pouco as que foram produzidas pelos sillex julgados contemporaneos d'aquelle cetaceo.

Estas experiencias dando uma grande prova da fiureza de observação do sr. Magiot, mudaram a opinião dos sabios acerca do encontro feito pelo professor Capellini, deixando, pelo menos, em duvida a existencia do homem do periodo terciario na Italia, que aquelle simples facto pretendia confirmar, enquanto provas mais decisivas não fossem produzidas.

Apesar porem de todas estas duvidas e hesitações, que em sciencia positiva são necessarias para confirmar um facto de tanta importancia, é certo que a opinião geral hoje é de que um ser intelligente, precursor, e antecessor do homem, existiu durante o periodo terciario.

Efectivamente attendendo nas leis da paleontologia que mostram a variação das especies de uma camada geologica para a outra, e que essa variação é mais rapida quanto é mais complexa a organização do animal, o Sr. Mortillet chegou a reconhecer não só como confirmada a existencia de um ser intelligente que fazia fogo, e talhava sillex e quartzites durante a época terciaria, mas ainda a formar d'elle um genero, a que deu o nome de *anthropitheco*, visto que os vestigios d'este ser encontrados nas diversas camadas d'aquelle periodo, o obrigavam a assignar-lhe diferentes especies.

É assim que segundo os diversos caracteres d'ellas, e em honra dos illustres descobridores e reveladores d'ellas, designou o sr. Mortillet as especies até hoje por elle admitidas, pelo seguinte modo:

Anthropopithecus Bourgeoisii ao de Theuay, talvez o mais antigo.

Anthropopithecus Ribblesianus ao de Portugal, que parece ser da mesma epocha.

Anthropopithecus Rameilii ao de Cantal provavelmente o mais moderno de todos.

O sr. Mortillet levou mais longe ainda a sua observação pois considerando a pequenez dos ossos encontrados pelos srs. Bourgeois e Carlos Ribeiro, aventou a these de que o anthropopithecus d'aquelle periodo, precursor do homem, devia ser de estatura muito inferior á que este tem actualmente. Como hypothese é perfeitamente engenhosa, como dado positivo e definitivo parece-nos um tanto arrojado.

Assente n'estas bases, e levado a este ponto o conhecimento da existencia do homem, vamos a ver o que julgou o Congresso de Lisboa, quanto as questões apresentadas, com relação aos vestigios d'aquelle ser encontrado em Portugal.

(Continua)

R.

VIAGENS

DOS REZ.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

VII

Se as nauseas sobreveem immediatas á ingestão da massa, a ponto d'esta poder ser dentro de uma hora, vomitada, o accusado póde salvar-se do veneno e, em todo o caso, a sua innocencia fica plenamente demonstrada. Em tal estado de estomago, não admittem os Bangalas que possa alguém abrigar dentro em si feitiços ou poder de mãos ollhados.

Os casos, porém, em que a casca da acacia se conserva nos intestinos o tempo sufficiente para matar, são, porém, os mais numerosos.

Assim aconteceu á mulher de que os viajantes portuguezes viram o julgamento:

As suas faculdades intellectuaes começaram a perturbar-se.

Para averiguar estes primeiros symptomas servem os objectos collocados sobre o panno de riscado: Quatro ou cinco dos pequenos páos são apresentados ao *reputado* dizendo-se-lhe, que são oito ou dez para verificar se elle ainda póde bem contar. Qualquer outro objecto se lhe mostra com o nome trocado para vér se as idéas são ainda lucidas e exactas.

A mulher de que fallamos confessou, de certo sob a allucinação do envenenamento, mas em todo o caso com a firmeza de quem ex-prime, na hora extrema, uma verdade de que se está convencido, que ella fóra realmente fei-ticeira e que, assim, era justo que morresse.

Meia hora depois expirava, com effeito, no meio das mais desvairadas convulsões.

Uma variante d'esta forma de processo, que—tambem teve correspondentes nos costumes judiciaes da idade media europea,—é a que, para decidir qualquer litigio entre dois individuos ou duas familias, administra o *Bambu* (a massa da acacia) a cãens que representem os contendores, e que, conforme vomitam rapidamente e resistem, ou succumbem envenenados, assim fazem absolver, ou condemnar, os seus constituintes.

A eleição do chefe ou *Jagá dos Bangalas* é, sem duvida, uma das mais extraordinarias cerimoniaes dos povos africanos:

Tem o novo *Jagá* de ser iniciado e, para isso, de se sujeitar ás provas que esses povos propriamente denominam *preceitos*.

N'um grande banquete, chamado o *Dicongo*, se resumem os mais repugnantes meos, por isso mesmo, os mais característicos de todos:

Tres pernas cozidas, de tres diferentes animaes, são servidas ao chefe:

A primeira é de um boi;

A segunda é de um carneiro;

Mas a terceira é de um homem.

Uma *Sanzala* especial é escolhida para entregar, d'entre os seus habitantes, o negro que

ha de fornecer esta ultima parte integrante do solemne guizado. D'ali o trazem sem que naturalmente lhe digam para que, até ao *Qui-lombo do Soba*, onde o matam e esquarterjam, para que uma perna e um pé sejam em seguida cosinhados para a festa.

Então, esse prato monstruoso, é conduzido por um prestito enorme e ruidoso, atravez de todos os povoados proximos, para que todos provem, antes do *Jagá*, das iguarias que vão consagrar, este, chefe de todos.

Não se admittê que impunemente se manifestem repugnancias contra tal manjar. Assim os negociantes ou exploradores europeus, que em tal occasião são encontrados pela procissão solemne, tem de forrar-se aos usos do paiz pagando uma multa pesada em fazendas ou em aguardente.

Emfim, na residencia do *Jagá* a perna humana é devorada escrupulosamente até aos ossos.

Não poderam Capello e Ivens descobrir n'estes povos nenhuma outra pratica que os podesse fazer considerar como anthropophagos.

Ao *Dicongo* seguem-se, porém, outras praticas curiosas.

(Continua)

ALBERTO DE CERVAES.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONDEIXA A NOVA — GRUTA DA LAPINHA

Em lugar aprazivel, vicioso e de abundante e mimosa vegetação fica a villa de Condeixa a Nova. Em aquelles terrenos pertencem a varios proprietarios e alguns morgados, havendo apenas ali um casal, chamado — Casal do Outeiro — quando el-rei D. Manoel passando por ali em 1450, na sua romagem a Santiago de Compostella, agrada-do da frescura do sitio, resolveu mandar fundar no casal uma egreja, com a invocação de Santa Christina.

Immediatamente alguns proprietarios cederam, para se fundar a povoação, parte das suas propriedades, nomeando-se entre os primeiros os Drs. Estevão de Moraes Botelho, desembargador dos Aggravos, e seu irmão Afonso de Moraes Botelho, conego prebendado da Sé de Lisboa, e outros membros da sua familia.

A villa assenta em um solo formado de calcareo concrecionado parte branco e terruso, e parte bastante rijo, sendo util para diversos usos, nomeadamente para ser empregado em mós de moimho, de que se fez e faz grande extracção.

Não obstante isso a abundancia de aguas tanto no sitio onde assenta a villa, como nos arredores, tornam-na abundantissima de magnificas fructas, de vegetaes de todo o genero, que a fazem mimosa e farta. As principaes fontes dentro da villa são a de Nossa Senhora da Lapa, das Bicas, dos Amores e do Outeiro.

O terreno que apresenta o calcareo crivado e cheio de cavidades mais ou menos profundas, escava-se em outras partes em grutas de alguns metros de diametro, onde além das usuaes estalactitas e estalagmitas, que adornam semelhantes recintos, abrigam no seu seio ossos humanos mais ou menos fossilizados, soltos ou incrustados na rocha, juntos ou misturados com restos de antigos mamíferos da época actual e de outras epochas. N'algumas d'ellas como na da *Eira Pedrinha*, vêem-se cavidades, que se julga terem sido intencionalmente abertas no interior da gruta, e parecem indicar haverem sido destinadas a sepulturas; tornando todos estes caracteres, altamente importantes ás sciencias geologicas e anthropologicas estes antigos depositos.

A gruta da *Lapinha*, reproduzida pela nossa gravura, apresenta o aspecto singular d'um pescento, do alto do qual como d'uma cornija, se precipita em lancol uma farta vela d'agua, que ao quebrar-se no solo se ergue em alçofares que arrojam as frugas, produzindo o mais bello effeito, que tão habilmente foi aproveitado pelo sr. Carlos Relvas.

Condeixa a Nova foi patria do notavel estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães.

THEATRO DE D. MARIA PIA EM LEIRIA

Leiria inaugurou ha poucos dias o seu novo theatro, um bello theatro de que damos hoje tres gravuras — uma representando a sua fachada, outra a sua sala de espectaculos, outra o panno de bocca — e que tem por título e nome da caridosa e augusta rainha de Portugal.

Vamos dar uma rapida noticia d'este novo theatro, um grande melhoramento da cidade de Leiria, noticia cujos apontamentos devemos á obsequiosa amabilidade do sr. L. A. dos Santos.

O theatro de D. Maria Pia foi edificado no campo de D. Luiz I. correndo paralelo ao antigo convento de Sant'Anna, com o qual forma uma vasta e espaçosa rua.

A architectura externa do theatro é simples, em compensação o theatro por dentro é d'um luxo extraordinario, d'uma elegancia que o colloca acima de todos os theatros de provincia. No rez-do-chão ha um vasto salão que serve de vestibulo communicando com a casa do bilhetario, o botequim e com as elegantes escadas que con-

duzem á parte superior do edificio. Entrando por esse salão encontra-se um bonito arco, e logo depois as escadarias amplas dos camarotes e ao fundo a porta que abre para a platéa, tendo na parte superior o emblema da comedia, e escripto em letras abertas em talho dourado o nome do theatro. Na 1.^a ordem ha 24 camarotes, largos, com bellas coxias que dão para um vasto salão de entreechos tendo nos topos a *toilette* e um botequim especial. Na segunda ordem ha igual numero de camarotes. A platéa tem 132 cadeiras, e 100 lugares de geral, e é circundada por 16 frizas.

A sala é em feição de ferradura, é elegantissima, perfeitamente illuminada por numerosos candelabros suspensos dos camarotes, todos gradeados em flores douradas e corrimãos estofados a carmesim vivissimo, d'um bello effeito. O tecto do theatro é cheio d'ornatos e arabescos dourados, e o panno de bocca, pintado em Milão, e offerecido ao theatro pelo accionista de Lisboa o sr. José da Silva Bento e Sousa, é magnifico e representa uma cortina sobrepujada por um doce a que se abriga um grupo de creanças sob as bandeiras portuguezas e italianas, allegoria á caridade regia da augusta princeza de quem o theatro tem o nome.

O palco é vasto, tem camarins espaçosos e já possui um soffivel numero de vistas pintadas pelos scenographos Rocha e Barros.

O theatro foi edificado por uma sociedade de que foi a alma, e o iniciador, o sr. Miguel Joaquim Leitão, aos esforços, e trabalhos infatigaveis dos quaes Leiria deve hoje o seu bello theatro. A sociedade é por accões españhadas por muitas pessoas influentes da localidade e de outros pontos do paiz. A primeira pedra para a edificação do theatro foi lançada, com grande pompa, no dia 3 d'outubro de 1878, assistido a esta solemnidade a commissão promotora, a camara municipal e outras autoridades de Leiria.

A inauguração realisa-se com todo o britho na noite de 8 de dezembro, com um spectaculo dessempe-nhado por curiosos, abrindo com o hymno de El-Rei D. Luiz, executado pela orchestra, e um hymno de saudação a S. M. a Rainha escripto pelo sr. Xavier Rodrigues Cordeiro, poeta natural de Leiria, e cantado pela sociedade dramatica. A peça da inauguração d'este theatro, construido em dois annos e um mez, foi o drama *Abel e Cain* do fallecido escriptor Antonio Mendes Leal.

EMILIO ACHILLES MONTEVERDE

I

Estinguiu-se ha pouco entre lagrimas uma vida longa, ainda maior porém pelas lições e pelas virtudes que a ornaram.

Essa existencia — cheia d'abnegação, de bons serviços á instrucção publica, á causa da liberdade e á patria — deve ser por nos rapidamente rememorada com o respeito e o reconhecimento devidos á memoria dos cidadãos benemeritos. O nome do fallecido conselheiro Emilio Achilles Monteverde, — secretario geral do ministerio dos negocios estrangeiros e auctor de tantos livros por onde toda uma geração aprendeu as noções primarias do ler e escrever — symbolisa effectivamente o culto do dever e da honra. Os nobres exemplos da sua vida inteira alçam-se sobre os pedestaes da verdade, como o monumento mais duravel da sua memoria.

Vulgarisa a, pois, como bom e raro modelo da virtudes domesticas e civicas, inalteravelmente puras mesmo no atrito das paixões ignobes do nosso tempo, — além de vigoroso preito á justiça e á verdade á cumprir um dever aconselhado, senão imposto, pela conveniencia geral.

Existencias taes como a do conselheiro Emilio Achilles Monteverde são espelhas em que convém que se nitem, buscando-lhes o exemplo, quantos se propõem — logo nos primeiros passos — continuar com as proprias accões a tradição austera dos que nos procederam na carreira social.

II

Foi em Bordeaux, n'essa florente cidade, tão notavel pelos seus fastos politicos, pelas tradições dos seus antigos parlamentos, pelas luctas da *Fronde*, pelas reminiscencias dos *Girondinos*, onde Emilio Achilles Monteverde, que nasceu em Lisboa a 9 de junho de 1803, completou os seus estudos. Em seguida (21 de abril de 1821) foi nomeado addido á legação portugueza em Madrid, onde servio perto de dois annos.

É facil suppor quanto zelosamente se desempenharia das suas funcões o joven addido, considerando que immediatamente a esta collocação diplomatica foi incluido no quadro da secretaria dos negocios estrangeiros (Alvará de 19 de junho de 1822) onde lhe decorreu, póde dizer-se, e a vida inteira de funcionario, resalçado por importantissimos serviços de que foram modesto galardão as innumeradas distincções com que lh'os reconheceram não só os ministros do soberano sob cujas ordens serviu, mas o governo os estrangeiros.

O zelo, a assiduidade, a competencia com que Emilio Achilles Monteverde se assignalou no cumprimento das suas laboriosas e difficeis funcões, proclama o eloquentemente a sua carreira burocratica. A sua ascensão ao posto mais eminente da secretaria dos negocios estrangeiros como director da direcção politica e secretario geral d'aquelle ministerio, (decreto de 21 de dezembro de 1869) significa a justa recompensa de uma serie longa e nunca interrompida de bons e relevantes serviços.

Sob os ministros das mais oppostas parcialidades e no meio das epochas mais tristemente celebradas pela intolancia das paixões e pela feroza das represalias partidarias, Emilio Achilles Monteverde é sempre o mesmo

caracter leal e benevolente, respirando brandura amável, conciliação affectuosa, e dando elle proprio o exemplo vivo da mais perfeita tolerancia.

D'entre tantas e tantas comissões, que lhe foram confiadas, e em que se houve pelo modo mais honroso para o seu nome e para o paiz que representava, apontaremos a que lhe foi incumbida em 1846 pelo conde de Castro, então ministro dos negocios estrangeiros.

Pelo artigo 6.º da convenção entre Portugal e Hespanha, celebrada em 24 de Setembro de 1835, em que se estabeleceu o auxilio de tropas que Portugal devia prestar para operarem em campanha contra o portendente D. Carlos, obrigou-se o governo hespanhol a satisfazer-nos o excesso de des-

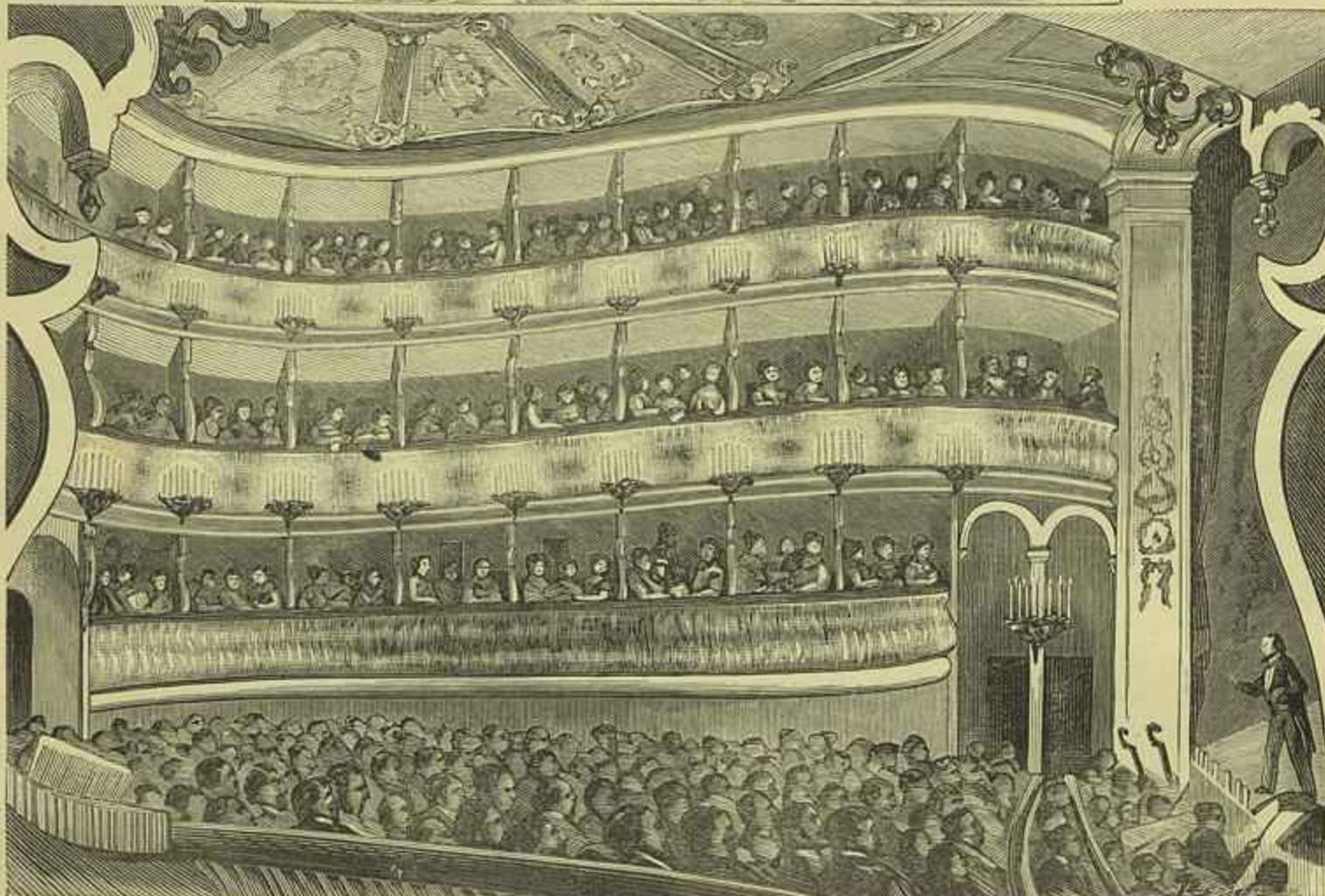


peza comparado entre o estado de paz e o estado de guerra.

A comissão, a que alludimos, era composta — além de Emilio Achilles Monteverde — do barão de Wiederold e do sr. Eduardo Lessa, hoje conselheiro director geral, aposentado, dos correios e postas do reino.

Durante mezes, através de cuidadosas pesquisas de contas, de documentos, lidaram tenazmente os membros de tão ardua comissão, até que afinal viram coroados os seus esforços, havendo apurado um saldo a nosso favor, na consideravel somma de mais de dois milhões de cruzados.

Em seguida eram dadas as convenientes instruções ao nosso representante em Madrid, o barão de Rendufe, e pouco depois o governo hespanhol, em desempenho dos seus compromissos, começava a



embolsar o thesouro portuguez com o pagamento por sommas parciaes, não pequenas, das despesas da guerra sustentada pelo nosso governo com a divisão auxiliar que fôra combater em Hespanha, ao lado das tropas liberaes d'aquelle paiz, na guerra contra os carlistas.

Para encarecer a importancia dos serviços prestados pelos membros da comissão, e designadamente do nosso biographado, servindo já interinamente de official maior, basta apontar que ao zelo d'esses funcionarios se deve o haver entrado afinal, nos cofres do thesouro a avultada quantia de mais de mil e dois contos de réis.

Em demonstração de apreço por tão relevante zelo a favor da fazenda nacional e do amigavel cumprimento, por parte de Hespanha, dos convenios diplomaticos, conferira a rainha a Emilio Achilles Monteverde o titulo de seu conselheiro, por decreto de 18 de febreiro de 1850.

Em homenagem ao respeito que elle conservava a quaesquer creanças politicas, differentes das suas, com tanto que fossem sinceramente professadas, apenas diremos que o conselheiro Monteverde, para quem



o dever era uma religião austera, militou com as armas na mão durante os acontecimentos de 1836 e de 1847, e unindo á sua extrema bondade de homem a valentia cavalleirosa do soldado, mereceu ser condecorado, por distincção, com a ordem da Torre e Espada.

III

Aos serviços e ao zelo incessante, de que deu documentos honrosissimos como alto funcionario, merecendo a amizade dos vultos mais gloriosos da pleiade liberal — Silvestre Pinheiro Ferreira, duque de Palmella, patriarcha Frei Francisco de S. Luiz, duques da Terceira, e de Saldanha, com o qual trocou duradoura e amigavel correspondencia — o conselheiro Monteverde reunia o mais completo desprendimento. Não sollicitava as honrarias; eram estas, digno-mo assim, que o requestavam.

Por vezes repetidas recusou o cargo de ministro plenipotenciario, e ao grande Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro do reino — a esse gigante da nossa historia politica, gigante pela finura e vastidão

do talento e pela graça e poder da eloquência — agradeceu, reconhecido, a offerta de um titulo nobiliario, pedindo-lhe licença para o não aceitar.

Eguals instancias lhe foram repetidas pelo visconde de Athouguia, quando ministro dos negocios estrangeiros, as quaes obtiveram egual exito.

Outro vulto dos mais venerados em Portugal e no mundo inteiro, o marquez de Sá da Bandeira — o soldado heroico, o immortal philanthropo, o amigo e libertador dos escravos — está tambem associado á abnegação do conselheiro Monteverde.

Como Rodrigo da Fonseca e como o visconde d'Athouguia, o marquez de Sá, com quem o conselheiro Monteverde viajara na sua mocidade, e com o qual cultivou até á morte d'este eminente homem d'estado as relações mais cordiaes, o marquez de Sá, dizemos, quiz tambem resolver o seu hom e antigo amigo, official maior dos negocios estrangeiros, a aceitar um titulo, mas foram baldadas as suas affectuosas tentativas.

Emilio Achilles Monteverde comprazia-se na mais desaffecteda modestia. As pompas e os ouropes, que tantos seduzem, nunca o deslumbraram.

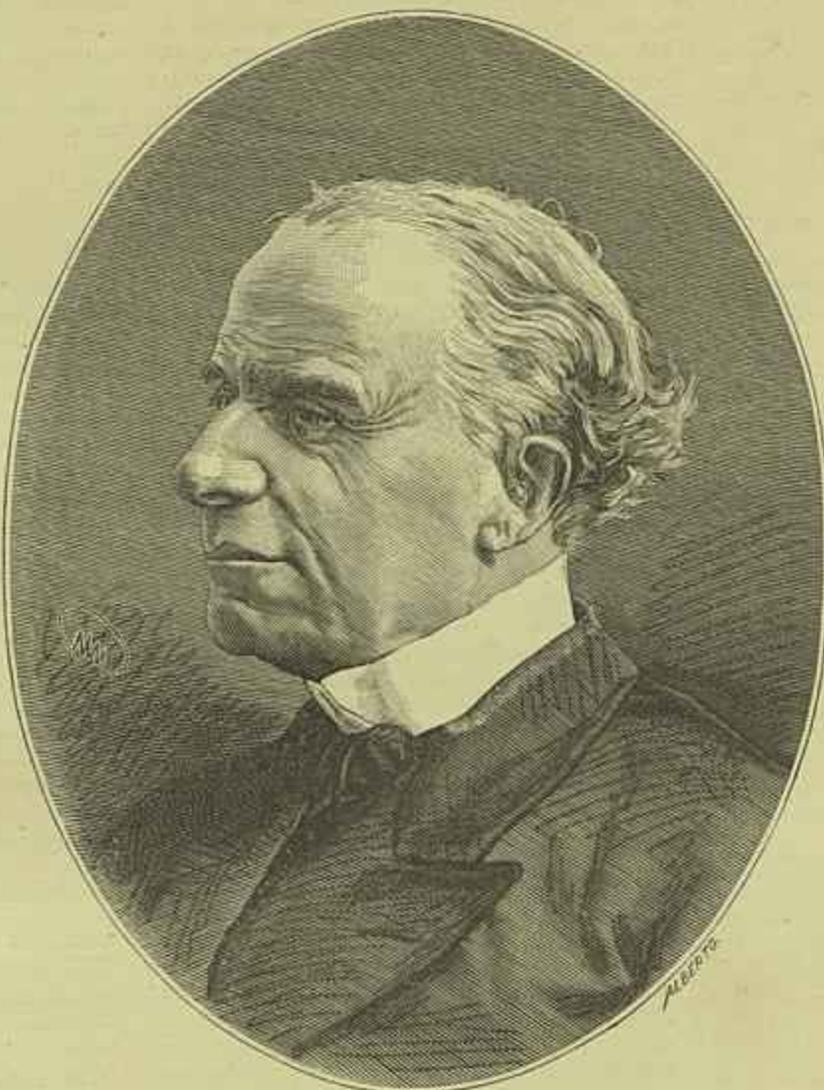
A sua singeleza era classica, doem-nos assim dizer, digna — em tudo e por tudo — dos tempos antigos:

O que elle possuia em subido grau era a digna altivez de um cidadão livre, a quem contentava a convicção intima de merecer a liberdade que do coração adorava.

IV

Para nós porém, confessamol-o, o aspecto mais atrahente d'este homem bondoso, dedicado, servical como raros, amigo sincero da liberdade, patriota desinteressado, cidadão exemplar, consiste no amor que consagrou á mocidade, escrevendo, para ella livros adequados, utilissimos, proprios a allumar com os primeiros clarões do ensino os espiritos infantis.

Toda uma geração recebeu, na escola primaria, as noções da leitura e da escripta ministradas por um livro de Emilio Monteverde: o *Manual Encyclopedico*.



CONSELHEIRO EMILIO ACHILLES MONTEVERDE

Fallecido em 17 de Janeiro de 1881 (Segundo uma photographia)

Queram lêr o que d'este livro disse em 1866 uma autoridade em pedagogia o sr. Nathali Bondot, delegado da cidade de Paris para a inspecção das escolas primarias?

Entre outras phrases escreve esta, que citarei:

«A sua obra (escreve elle ao conselheiro Monteverde em 23 de Janeiro d'aquelle anno) que eu mostrei a muitos dos meus collegas, pareceu a todos muito felizmente concebida e dever servir de modelo para um livro destinado ás mesmas escolas em França.»

Alexandro Herculano, no *Panorama*, (2 de dezembro de 1837) escreveu:

«Incitamol-o tambem a proseguir em obras d'esta especie, as quaes não somente lhe serão prolicuas, mas, além d'isso gloriosas!»

Emilio Monteverde, dedicando-se a escrever livros facéis, comprehensivos ao alcance das intelligencias que começam a desenvolver-se, compoz outras obras de innegavel utilidade, como o *Mimo á infancia*, *Resumo da historia de Portugal*, *Os dialogos familiares*, *Grammatica franceza*, etc.

O favor publico coroou tão louvaveis emprehendimentos a favor do ensino da poericia.

O seu nome ficará gravado indelivelmente nos annaes da instrucção popular.

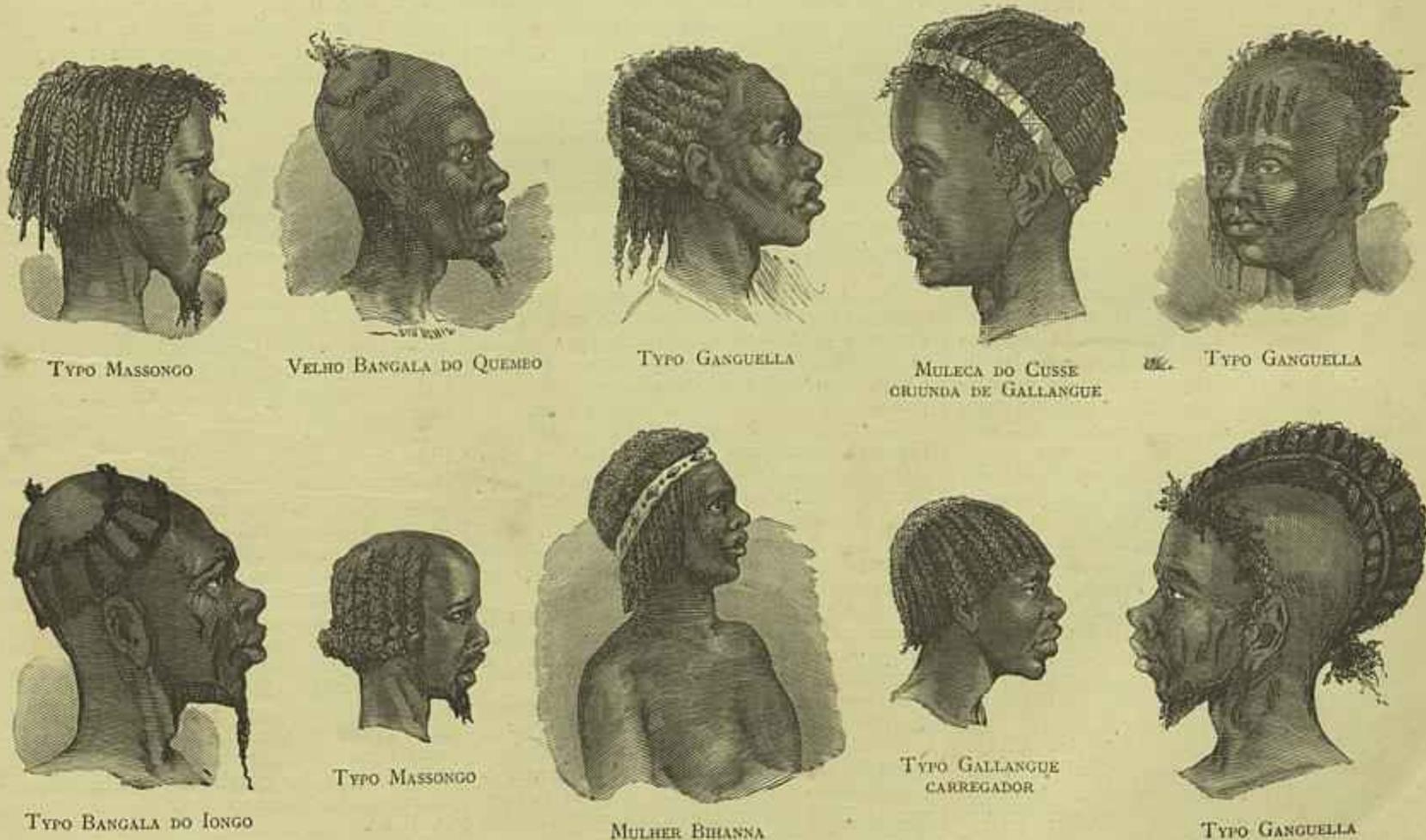
A escola deve-lhe muitos dos alumnos que a cursaram. Por este lado, o conselheiro Emilio Achilles Monteverde irradia um intenso fulgor, que hade illuminar para sempre a sua honrada memoria.

Entre os deveres que nos cumpre desempenhar, o maior e o mais doce na terra é de certo o da instrucção e educação dos nossos filhos.

Poucos entre nós contribuíram tanto como elle para o ensino de milhares de intelligencias incultas. Sob este aspecto, o conselheiro Emilio Achilles Monteverde foi um benemerito da civilisação e da humanidade, e um obreiro glorioso do futuro. Em volta do seu nome e da sua memoria, projectando-se para a posteridade, começaram já de raiar os resplandores de uma aureola luminosa.

VISCONDE DE BENALCANTOR.

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



(Segundo desenhos dos exploradores Capello e Ivans)

DR. MIGUEL LUCIO D'ALBUQUERQUE MELLO

O eminente jornalista e brasileiro de que damos hoje o retrato é actualmente um dos mais vehementes e energicos combatentes do clericalismo no Par , e o seu jornal o *Diario do Gram Par * uma das folhas mais importantes da provincia e uma d'aquellas que mais servi os e diligencias tem prestado aos portuguezes, nas terras da Santa Cruz.

O Dr. Miguel Lucio d'Albuquerque Mello,   natural de Pernambuco onde se formou na faculdade de direito. Muito novo ainda filiou-se no partido conservador, onde tem, at  hoje, prestado grandes e relevantes servi os. A sua alta intelligencia, e o seu caracter digno e honrado grangearam-lhe sempre grandes sympathias no Par  onde foi lente do lyceu, secretario da Provincia, e deputado   Assembl a Provincial, durante o tempo em que o seu partido esteve no poder.

Nesse tempo fundou e redigiu com grande tacto politico a *Constitui o* que foi n'esse periodo o  rgo do partido conservador. Em 1877, caido o gabinete conservador, o Dr. Miguel Lucio foi uma das primeiras victimas da reac o politica, e o novo governo demittiu-o do logar vitalicio de professor do lyceu Paraense.

Por esse tempo o fervoroso campeo do partido conservador comprou a propriedade do *Diario do Gram Par *, jornal antigo, de grande formato e muito acreditado, e n'elle tem luctado at  hoje, sempre na brecha, com uma grande actividade honrada, e energia intelligente, pelos seus principios politicos, e pelas suas id as partidarias.

Honrado e apreciado pelos seus proprios inimigos politicos, o Dr. Miguel Lucio tem achado mais embara os e menos lealdade nos seus proprios alliados partidarios, porque combate de frente e sem treguas o clericalismo, que no Par  se tem constituido em verdadeiro elemento politico, elemento que se alastra hoje perigosamente pelo proprio partido conservador.

O *Diario do Gram Par * de que o Dr. Miguel Lucio   proprietario e redactor tem al m da sua alta influencia politica no Brazil, um grande titulo   nossa sympathia — a maneira cavalheiresca, lisongeira e amavel como elle trata os portuguezes.

As suas columnas est o sempre francas aos nossos irmoos, que t em sempre achado no Dr. Miguel Lucio um amigo e um defensor dos seus interesses e ainda ultimamente, no dia 10 de junho, quando todo o Portugal e todos os portuguezes celebravam cheios de entusiasmo patriotico o terceiro centenario de Camoos, o *Diario do Gram Par * adheriu espontaneamente a essa festa puramente portugueza publicando um retrato do grande epico dos *Lusitannos*.

O Dr. Miguel Lucio   um dos vultos mais eminentes do Par , e dos mais sympathicos a Portugal, pela sua constante e proverbial amabilidade para com os portuguezes.

O Occidente hoje publicando-lhe o retrato presta homenagem ao illustre jornalista brasileiro, e significa-lhe no mesmo tempo em nome dos portuguezes a sua gratidao.

G. L.

NOTAS SOLTAS

FR. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO

IV

Falta de meios os impediu de realisarem o seu projecto.

Voltaram ao reino de Napo es. Discorrendo por varias partes vieram a achar-se em Capua.

Era por julho ou agosto de 1556. Em consequencia do procedimento do papa Paulo IV para com os hespanhoes e do processo instaurado por elle, em pleno consistorio, contra o rei de Hespanha Philippe II, resolveu-se o duque de Alva, governador de Napo es, a organizar exercito para invadir os Estados da Igreja. Ali se encontraram os nossos dois ermitoos com alguns soldados, antigos camaradas de Pero de Agullar. Estes excitaram-os a correrem as aventuras da guerra, e Agullar, cujos habitos guerreiros foram assim acordados, convenceu o seu companheiro a segui-los.

Alistaram-se. Seguiu-se a invasao conhecida, em que as pra as e cidades foram tomadas umas apo s outras, pelas armas, trai o, ou capitula o, chegando os hespanhoes at  Roma, cujos arredores assolaram. N'aquelle tempo a guerra, n o s o era um morticinio, como sempre, mas uma pilhagem continua.

Paulo IV depois de algumas hesita oes pediu uma tregua de quarenta dias, recomendo depois a guerra com mais furor, at  que desenganado n o houve remedio senao pedir a paz.

Feita esta voltaram os aventureiros a Napo es, alegres e contentes porque tinham as bolsas recheadas de bons escudos, adquiridos pelos soldos vencidos e aventuras que tiveram, como diz Frei Francisco.

Depois de residirem por quatro ou cinco mezes em Napo es, onde se desferrariam com o dinheiro adquirido, das estreitezas dos passados tempos, mudando-se as opera oes para o Piemonte, d'alli partiu no terço de Napo es, de tres mil homens, onde seguiu a campanha durante nove mezes. Durante ella adquiriu muito dinheiro, especialmente do espolio de um judeu, que foi morto por seus companheiros (segundo elle diz), de que s o   sua parte lhe tocaram dois mil e trezentos cruzados, quantia enorme para aquelle tempo.

Resolveram entao abandonar a guerra, para o que se dirigiram ao mosteiro de S. Domingos em Verceil. N o pararam por m ali. Partiram para Mil o, onde se vestiram bem, compraram cavallos e foram para Nossa Senhora do Loreto. Confessaram-se ali, mas n o tendo obtido absolvi o, partiram para a cidade de Recanate, d'onde, trocados os trages cavalheirescos, em que andavam, pelos antigos habitos eremiticos, tomaram a direc o de Roma, deixando os seus fundos depositados no banco de um Lomelino, genovez.

Chegados a Roma procuraram reconciliar-se com a igreja, a quem, ou antes, ao seu pontifice tinham combatido, e em breve obtiveram absolvi o de seus peccados, mediante licen a da sagrada penitenciaria, em cujo processo gastaram duzentos cruzados.

Alliviada a consciencia d'aquelle peso, partiram para Floren a, onde um feliz encontro proporcionou ao nosso aventureiro a occasiao das maiores distinc oes.

Enfermou aqui o seu companheiro Pero de Agullar, e nos momentos livres acaso se encontrou, provavelmente em alguma casa de comes e bebes, com um chocarreiro da duqueza de Floren a. Devia naturalmente excitar a curiosidade d'este, aquelle ermitao, que n o poupava dinheiro. Entrando a visital-o, diz Frei Francisco, que seu companheiro fizera persuadir o chocarreiro de que aquelle era um grande fidalgo portuguez. Interrogado pelo bobo confirmou-lhe aquella noticia, dizendo chamar-se D. Alvaro de Mello, ser neto do marquez de Ferreira, e andar assim disfarçado porque o queriam despojar da heranca que lhe pertencia.

Foi o sufficiente. Espalhando o chocarreiro esta noticia entre a nobreza italiana, abriu todos os palacios e saloos ao nosso aventureiro. Como mais depressa se acredita uma petta gorda, do que uma verdade s eca, foi aquella acreditada universalmente, e fr. Francisco n o precisou mais nada para percorrer a Italia e receber por toda ella honras, distinc oes e agasalho, como se faria a um grande senhor.

Facilmente se concebe com os costumes soltos d'aquelle idade, e as perturbaoes de toda a ordem causadas pelas continuas guerras e campanhas, que especies de aventuras n o cercariam a figura romaneca d'este joven, nobre, soldado e ermitao que a avaresa de alguns parentes, como corria, despojava dos bens legitimos.

N o as conta elle, mas isso pouco nos faz. Depois de algum tempo passado, e bem, em Floren a partiu com o companheiro e o bobo para Mil o. Para o vulgo passava por irmo d'este, mas no palacio dos nobres, era tido pelo mais genuino garfo do sangue azul.

Governava entao esta cidade D. Joao de Figueiro, castelhano, de quem o chocarreiro j  era conhecido. Acolheu-os no seu paco onde foram agasalhados conforme   qualidade de cada um. Um anno se demoraram ali, sendo sempre fr. Francisco, hospede do governador, por cuja conta gastaram sempre elle, seu companheiro e dois creados que o serviam.

Nobres e religiosos o acatavam e estimavam, procurando o seu commercio e conversao. Presenteava a todos, com o que confirmava a fama da sua fidalguia.

Frequentava muito, e com mostras de grande devo o o mosteiro de Santa Maria da Paz da ordem de S. Francisco, onde est  sepultado o nosso Beato Amadeu. Mandava ali dizer muitas missas, e fazia repetidas esmolas ao convento. Todo o seu empenho era obter uma reliquia d'aquelle santo portuguez.

Uma noite conversando com o chocarreiro lhe communicou o seu desejo, e pouco depois lhe contou este que o guardiao lhe dissera, que, se fosse possivel, satisfaria ao seu desejo, com o que elle logo entendeu, n o s o que aquelle fallara com este, mas que o informara da grandeza de sua pessoa, como fazia em toda a parte.

(Continua)

JACINTHO PERES.

TOMADA DE QUILOA

Annunciaram ha pouco os jornaes da capital que em breve receberiamos a visita do sultao de Zanzibar, potentado africano cujos dominios se compoem da ilha d'este nome, de grande parte da longa faixa da costa oriental de Africa que tem por nome costa do Zanguebar, e de varias outras ilhas adjacentes a esta parte do negro continente.

Se o sultao vier effectivamente   Europa e se se realisar, como   de crer, a projectada visita a Portugal, este acto de cortezia concorre para mais uma vez se renovar a tradic o do favor e boas disposicoes que os portuguezes, desde os remotos e afamados tempos dos descobrimentos e conquistas, sempre encontraram no senhor dos baos moradores da costa e ilhas visinhas dos dominios de Portugal na costa oriental de Africa.

No anno de 1503 resolveu el-rei D. Manuel mandar mais uma armada   India, como costumava fazer todos os annos desde o famoso descobrimento de Vasco da Gama. Entendendo agora que os negocios do Oriente iam tornando necessarias mais poderosas forcas nos mares da Asia, determinou que a armada de 1503 fosse superior  s anteriores. Compoz-se por isso esta forca naval do extraordinario numero de vinte e dois navios, sendo dezeseis naos e seis caravellas, em que iam, al m da respectiva guarnic o, mil e quinhentos soldados, gente muito limpa, no dizer do historiador, e tanto que entre elles figuravam muitos fidalgos e moradores da casa d'el-rei, cujo vencimento consistia em 800 reaes cada mez, quando em terra, e em 400 e de comer, quando no mar.

Com esta expedic o, que hoje se reputaria bem modesta, sob o mando do insigne D. Francisco de Almeida, que ia por capitao-mor, queria o rei D. Manuel come ar a estabelecer solidamente o dominio portuguez no Oriente, intento que se realisou, emquanto a ambic o e a immoralidade, a cobic a e a indisciplina, n o enfraqueceram e corromperam, de todo, os indomaveis e heroicos conquistadores do Oriente.

No domingo anterior ao dia designado para a armada levantar ferro, foi el-rei ouvir missa   S , effectuando-se depois da missa a costumada e tocante cerimonia da entrega da bandeira de Christo ao capitao-mor, o qual, com toda a gente que ia na armada, acompanhado da nobreza e povo, se encaminhou at    Ribeira, onde embarcou com direc o  s naos.

Aos vinte e cinco de mar o largava a armada de Belem, levando por m j  uma nao de menos, a do commando de Pero de Annaia, desfeita no proprio Tejo, dias antes, por um vendaval.

Em vinte e cinco de abril, j  proximos da linha, como sobreviessem grandes calmarias, D. Francisco de Almeida, para melhor se effectuar a viagem, dividiu a armada em duas, ficando com treze naos e duas caravellas, e nomeando Manuel Pessanha capitao das duas naos e quatro caravellas restantes.

Esta ultima ainda foi obrigada a subdividir-se, em consequencia do mau tempo que apanhou, indo ter   ilha de Zanzibar duas caravellas, uma commandada por Joao Homem, e outra por Lopo Chanoca.

Segundo estes capitoes depois referiram a D. Francisco de Almeida, encontraram um benevolo acolhimento no rei de Zanzibar, o qual lhes mandou dar grande abundancia de mantimentos e se mostrou muito servidor d'el-rei D. Manuel.

Datam pois do come o do seculo XVI as re-

lações cortezes dos senhores de Zanzibar com os portuguezes, e se hoje não deveria admirar que o sultão tivesse para com os favoráveis disposições, porque a civilização européa já penetrou n'aquellas paragens, não se pôde dizer o mesmo em relação ao século XVI, porque esse procedimento contrastava singularmente com o dos outros moradores da costa do Zanguebar e ilhas proximas.

Quiloa pôde servir para exemplo do que dizemos.

Menos feliz que João Homem e Lopo Chanoça, em vez de aportar a Zanzibar D. Francisco de Almeida teve que dirigir-se a Quiloa, porque, entre outras cousas, lhe fôra ordenado por D. Manuel, que ali edificasse uma fortaleza, e se encontrasse resistencia fizesse guerra ao rei.

Quiloa, que hoje está sob o governo do sultão de Zanzibar, era n'aquelle tempo cabeça de um reino à parte, reino que segundo dizem, se estendia por muitas leguas de costa, desde o cabo das Correntes até Mombaça.

Não era a primeira vez que os portuguezes ali aportavam. Já por duas vezes a tinham visitado: Pedro Alvares Cabral em 1500 e Vasco da Gama em 1502, na segunda viagem que fez à India.

Ambos estes capitães haviam sido mal recebidos, encontrando muito más disposições no senhor da terra.

Eram estes precedentes que motivavam as instruções que D. Francisco de Almeida agora levava contra o rei Habraemo, que tal é o nome com que nas Chronicas se dá a conhecer este fusco e mal intencionado sujeito.

Aos vinte e dois de julho chegava a armada à bahia de Quiloa e dava fundo.

O capitão despachava em seguida a João da Nova, o descobridor da ilha de Santa Helena, ilha hoje na posse dos inglezes, em visita ao excelso Habraemo, a quem mandou dizer que desejava ter com elle uma entrevista no mar. Ao mesmo tempo não se esquecia D. Francisco de remetter por João da Nova uma marlota de côres de presente ao principal ministro do rei de Quiloa, que tinha por nome Sid Mahamed.

Era este Mahamed já conhecido dos portuguezes, entre os quaes gosava de bom conceito desde que Vasco da Gama ali tocara na sua segunda viagem.

Por occasião de uma entrevista que tivera então no mar com Habraemo, o almirante das Indias, com a semceremonia com que costumava proceder em casos de força maior, prendeu o rei e declarou-lhe com a mais adoravel franqueza que, se não se fazia vassallo e tributario do rei de Portugal, o levava captivo para a India e depois para Portugal, e nunca mais tornaria a ver os seus domínios de Quiloa.

Ahalado, como era natural, de umas razões tão suaves e persuasivas, o pobre Habraemo logo ali promptamente declarou e prometeu que pagaria de pareas em cada anno ao seu irmão, o rei de Portugal, dois mil meticaes em ouro, mandando as d'aquelle anno que corria logo que se visse em terra, e deixando em refens da sua palavra o tal Mahamed, pessoa principal do seu reino, tão principal que Habraemo receiava que elle qualquer dia lhe roubasse o throno, como elle Habraemo o roubára ao seu antecessor.

Com um penhor assim, Vasco da Gama não poz duvida em soltar o rei, mas este vendo um meio facil de ficar livre do seu ministro, uma maneira originalissima de lhe dar a demissão, não mandou os dois mil meticaes, e Mahamed, se quiz que o almirante o deixasse voar para terra, teve de os pagar, não sem primeiro esclarecer Vasco da Gama acerca das más qualidades de Habraemo. O grande capitão não precisava de certo que o esclarecessem mais; entretanto, fosse qual fosse a idéa que ficasse fazendo do rei de Quiloa, a nós, o que nos parece, segundo o criterio de hoje, é que Habraemo, em vista da sua má fé e astucia, não era tão selvagem como se poderia suppor.

Ditava pois d'esta occasião o bom conceito de Mahamed, a quem D. Francisco mandára

a marlota, que era um traje mourisco, a modo de capa curta com capuz.

Quanto ao rei, deu d'esta vez em resposta que viria à entrevista, mas, chegado o momento para isso aprezado, Habraemo novamente faltou à sua palavra.

Insistindo D. Francisco para que a entrevista se realisasse, Habraemo mandou terminantemente dizer que não comparecia, porque a isso se oppunha a mais terrivel cousa que lhe podia ter succedido. A cousa terrivel fôra o seguinte: quando sua alteza já se dirigia para a entrevista, saltára-lhe no caminho nada menos que um gato preto! O gato preto era o bicho de maior agouro no reino de Quiloa, e segundo sua alteza, aquella apparição queria dizer que a entrevista com o capitão do rei de Portugal não poderia dar bom fructo.

D. Francisco, como que entendendo que lhe queriam metter por lebre gorda aquelle gato problematico, sorriu-se e disse para os que o rodeavam:

— Senhores e amigos, a mim parece-me que mais agourado ha de achar, quem taes recados manda, o dia de amanhã que o de hoje.

João da Nova voltou as seguintes palavras explicativas:

— Parece-me, senhor, que esse ha de ser o fim de nossos concertos com este mouro, porque Mahamed, nosso grande amigo, se veio a mim por me fallar como homem meu conhecido e não ousou de se apartar commigo, por trazerem os mourós olho n'elle, sómente em se despedindo, meio furtado me disse: dizel ao sr. capitão-mór que não se ha de ver com elle e que se lembre de mim.

A decisão final do rei havia sido trazida por cinco mourós; por estes mandou o capitão mór dizer que, visto o rei não querer vir à entrevista, elle o iria no outro dia pela manhã buscar dentro ás suas casas.

Significava isto que D. Francisco abandonava o seu systema de moderação e ia finalmente cumprir as ordens rigorosas de D. Manuel, isto é, assenhorear-se pela força da cidade.

Não era esta empreza tão facil como se poderia suppor, porque, segundo noticias do tempo, Quiloa era cidade importante e populosa, que encerrava bastantes elementos de defeza.

Pelas descrições que d'ella restam, compunha-se de ruas estreitas, formadas de casas ao gosto arabe, de mais de um andar, com terraço, mobiladas e alcatifadas luxuosamente.

Era risonho o seu aspecto, porque, apesar da estreiteza das ruas, quasi todas as casas tinham um vasto jardim, cujas arvores frondosas bracejavam por entre os largos intervallos que havia de umas ruas ás outras.

Nos arredores da cidade a vegetação era tambem opulenta. O tamarinheiro activo, a teca odorifera, o baobab esplendido e monstruoso, com os ramos curvados formando abobada, sobressaíam na paisagem, cujo fundo as florinhas desmaiadas do algodoeiro e do cafeseiro estrelavam sorrindo.

D. Francisco poz-se à frente de tresentos homens e deu o commando de mais duzentos a seu filho D. Lourenço, mancebo muito joven, valente, sympathico e gentil, a quem infelizmente estava reservada sorte fatal nas guerras na India.

Saltou primeiro que todos em terra o capitão-mór, indo com elle o alferes Pero Cão, que levava a bandeira de Christo, e após elle saltaram os capitães.

D. Lourenço desembarcou em outro ponto, defronte da casa do rei, mas tanto elle como D. Francisco pouca resistencia encontraram.

Desconfiado, suppondo que houvesse alguma cilada, a que se prestavam as ruas estreitas da cidade, o capitão-mór ordenou que se avançasse com a maior cautela, no que foi obedecido, porque ainda as expedições dos portuguezes não eram compostas de gente, embora valente, indisciplinada, como succedeu mais tarde, quando veio a decadencia.

Atravessaram sem grande perigo a cidade, e no lado opposto ao ponto do desembarque foram já encontrar D. Lourenço junto da casa do rei.

D. Francisco de Almeida mandou ao filho que arrombasse as portas, e se encontrasse lá dentro o rei Habraemo que lh'o trouxesse vivo.

D. Lourenço só encontrou cinco mourós, que lhe disseram que o rei fugira, deixando em seu logar a Mahamed, para defender a cidade.

Mahamed, o que da outra vez pagára os meticaes pelo rei, andára tambem agora com prudencia e reflexão. Ao desembarcarem os portuguezes, retirára-se pacificamente da cidade, com toda a gente de guerra que pode recolher.

(Continua)

A. M. DA CUNHA E SÁ.

EXPULSÃO DOS JESUITAS

À borda do mar ficava o mosteiro, erguido em peanha de granitos errissados de arestas e cobertos na base de tufos de algas verde-negras. Nascera no dia em que um dos velhos reis portuguezes alcançara de infleis um triumpho e conseguira arrojar-os bem para lá das suas fronteiras. Com o tempo, aquella casa tosea de origem, pesada e coberta de ameias e seteiras profundas, entrou a merecer por suas virtudes a protecção de prelados e infantas. Os cavalleiros que partiam para as conquistas, os principes que voltavam das batalhas carregados de despojos, as infantas que iam em Hespanha e na Austria ligar a sua vida à vida aventureira dos grandes capitães e senhores, antes de deixarem a patria ou ao chegar a ella entravam a profunda arcaria algida do templo, a depór no tabernaculo o penhor da sua fé, do seu reconhecimento ou da sua saudade. Nada mais severo que semelhante edificação por cada raça augmentada e refundida nas formas architectonicas do tempo.

Penetrava-se na igreja por um portal esguio e baixo em ogiva, posto no cimo de uma escadaria de balaustrés curvos em que se engalinhavam monstros exoticos entre efflorescencias poluidas da idade. Sobre o portal e à altura do côro, tres rozaceas cobertas de vidros côrados, deixavam jorrar no sanctuario a purpura sanguinolenta do sol; para cima, erguia-se o corucheu limoso entre as duas flexas das torres negras encimadas de cataventos rangentes. À altura da rosacea central, um poste sustentava os dez fios conductores do telegrapho — e dava uma commoção indefinida ver ligados por um poste, como dois rephoros de pilha voltaica, aquelles dois polos de mundos diversos e separados por dezenas e dezenas de seculos — a casa dos monges e o zinco transmissor da electricidade. Dentro do templo, parte gothico, parte barbaro, e no fundo das capellas sombrias em que perpetuamente arfava a luz soturna dos lampadarios de bronze, viam-se deitadas em sarcophagos de volutas multiplices, figuras de bispos e eremitas, cavalleiros e santos, toscas esculturas terrificas de capacete ao lado e espada aos pés, em cujas vidas se podia colligir e ler, como n'uma velha chronica fiel, a historia completa da nação. Os santos eram ainda mais toscos que as estatuas dos mortos. Tinham as formas hirtas, a expressão feroz e os barbaros perfis attonitos d'esses idolos que ainda hoje se encontram mutilados nas ruínas dos pagodes hindustanicos, sob palmeiras collossos.

As senhoras revestidas de brocados scintillantes de incrustações de ouro e pedras, e coroadas por diademas do mais singular detalhe olhavam dos nichos com olhos de vidro, estendendo as mãos ferozes e grossas n'um chuveiro de ameaças.

Em oração, os grandes martyres chagados rojavam as frentes selvagens, flajellando os corpos de brutal nudez. Viam-se caindo das paredes, poentos e alluidos pela humidade, os painéis de milagres em que Deus era exaltado como um ser feroz e sujeito a caprichos de benevolencia para este ou para aquelle, se-pultando uns sob as ruínas das casas, roubando a outros as colheitas, fulminando os filhos, matando de fome os paes e não cedendo

nunca da sua barbara façanha senão á força de procições e de offerendas. N'aquelles milagres pendentes em galeria das paredes da igreja, uma geração de envilecidos e tristes desfilava vergada, victima de oppressões de senhores, de guerras impiedosas, de fomes, de pestes e de terremotos. Alguns tinham ali vindo deixar os cabellos e os vestidos. Muitos que haviam enfermado de uma perna ou de um seio offerciam, experimentando melhora, a imagem em cera ou em prata d'essa perna ou d'esse seio. Mostravam-se n'um alpendre da cerca, rumas de lemes, velas e mastareos, destroços de barcas e ferros de arados, dos miseraveis surprehendidos em perigo de morte que haviam solicitado clemencia aos santos do mosteiro. Nas aldeias visinhas, ainda agora se narra com fervor mystico e secreto medo, a serie de prodigios e milagres succedidos na igreja em tempos calamitosos.

Por uma fome do anno de 1373 havia apparecido no sanctuario um braço de fogo sustendo um feiche de espigas. Um fisico que ousara escarnecer de Deus, fôra morto por um corisco ficando negro na mesma hora, nas escadas do altar mór. E o milagre do pae e do filho, e o das duas cabeças do enforcado...

Em tempos d'el-rei D. João III nosso senhor, o mosteiro fôra entregue aos jezuitas então no maximo esplendor do seu poderio e fortuna. Era ali que mais de preferencia se recolhiam os santos padres de Jesus.

A contemplação do oceano cantando a sua eterna legenda, a linha caustica entre céu e mar, a solidão e a poesia do sitio convidavam aquelles homens negros, que a meditação preenchia como um liquido preenche um vaso. A cerca perdeu n'esse tempo uma parte da sua nudez — viram-se os limoeiros e as madre-silvas vestir os muros, jorrar a agua das carrancas dos tanques, e os laranjaes arredondarem as suas pinhas de verde envernizado. Permittiu-se ao povo que visitasse a horta, os claustros e as grutas de devoção particular. A' hora da missa a turba enchia o mosteiro avida e devota;

as confissões feitas com fervor mas sem as ameaças do inferno que os antigos monges vociferavam, attrahiam sympathicamente os penitentes. E Deus appareceu á terra sob uma face de perdão, que quasi se desconhecia.

Cem annos depois, apesar de se guardarem com a maior fidelidade, as santas reliquias e milagres do mosteiro, as vetustas tradições estavam esquecidas entre o povo — poucos se lembravam de ter ouvido aos avós a narrativa das duas cabeças do enforcado, do pae e do filho e da morte do fisico mór.

Mas eis que o Marquez expulsa os jezuitas, cujo poder e argucia arcavam com os seus.

Do portico escancarado vê-se sair uma procição de padres negros e resignados de cruz á frente. As santas mulheres ajoelham-lhe na passagem para lhes beijar os vestidos e receber a ultima benção. De novo o mosteiro fica deserto, sem o caracter hospitaleiro de uma casa de conselho e oração consoladora. Os negros phantasmas dos monges ascetas, lívidos e frios, prégnos abstinencia e flagícios voltam a percorrer os claustros lugubres e a rezar nas capellas em que os olhos dos idolos ameaçam o mundo e proclamam a aniquilação dos povos. Uma treva enluta os espiritos e fluctua em torno ás muralhas. Em baixo, o escarneo

da vaga que allue pelas cavernas o alicerce de rochas do templo, é como um rir de diabo aos pés de um Deus inanimado! De noite a lua que lança flexas pallidas pelas setteiras profundas para dentro do mosteiro allumia estranhos conchaves de espectros. O vento segrada nos nichos e á roda dos mausoleus, e baixinho parece orar aos pés do sanctuario. A chuva infiltra-se nas abobadas e humedece os cimentos. D'entre as juncturas das pedras irrompem gramineas e zambujaes. Ninguém vae ver o mosteiro e o portico está fechado. E



DR. MIGUEL LUCIO D'ALBUQUERQUE MELLO

(Segundo uma photographia de Alberto Henschel & C.º)

aquella mole de pedra emburelada em musgos e erguida á beira do mar lembra um suicida ajoelhado fazendo a ultima oração.

(Continúa.)

FIALHO D'ALMEIDA.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

REVISTA CIENTIFICA E LITTERARIA N.º 1. Dezembro de 1880. Coimbra, Imprensa Academica. Fundada por alguns dos mais notaveis talentos academicos, que frequentam a Universidade de Coimbra, tem por fim tornar publica uma certa actividade mental que lhes pareceu desaproveitada e esteril pela falta de campo proprio onde se trabalhasse livremente. Estas palavras da introdução dizem-nos os seus intuitos, com que sympathisamos, esperando que o novo orgão scientifico e litterario tenha mais longa vida, que outros seus antepassados de intuitos semelhantes.

REVISTA ILLUSTRADA, Dirigida litterariamente por D. Vicente Colorado, e artisticamente por D. Felix Badillo, publicação semanal que começou a apparecer em Madrid no 1.º de Janeiro do corrente anno. Cada numero traz um retrato lithographado dos mais notaveis homens de Hespanha. Desejamos-lhe longa prosperidade.

RELATORIO APRESENTADO Á ASSEMBLEA GERAL DO GABINETE PORTUGUEZ DE LECTURA EM PERNAMBUCO, pela directoria do mesmo em 19 de outubro de 1880. Folheto de 43 pag. com um relatório do procedimento e publicações d'aquella associação por occasião do tricentenario de Camões, e outras peças interessantes.

DESCRIPÇÃO DA FESTA COMMEMORATIVA DO TRICENTENARIO DE CAMÕES, CELEBRADA NO DIA 11 DE JUNHO DE 1880 PELO RETIRO LITTERARIO NO RIO DE JANEIRO. Folheto de 82 pag. indispensavel em qualquer Camoneira, encerrando as homenagens, prestadas ao grande epico, por uma sociedade, menos conhecida que outras.

ASSALTO AO PRELLO! Collecção de sonetos por G. Crabb. Rio de Janeiro, typ. de Soares & Niemeyer — Rua da Alfandega, 6. 1880. Folheto de 44 paginas. Seu auctor classificou-o de *assalto ao prello*, e não seremos nós que o desmintamos. Parece-nos que o auctor faria bem em corrigir o seu estilo, e aproveitar em trabalho mais serio e proficuo as faculdades de que a natureza o dotou.

A IMPRENSA EM GOA NOS SEculos XVI, XVII, E XVIII. Apontamentos historico-bibliographicos por José Antonio Imaet Gracias. Nova Goa. Imprensa Nacional, 1880, 8.º de VIII, — 112 pag. — O titulo d'este trabalho basta a denunciar a sua importancia. Esclarecer tudo quanto com relação á imprensa nos pode apresentar a historia do nosso dominio na Asia, durante os tres primeiros seculos d'elle são o intuito do livro, e com quanto hoje esses subditos se possam, pela maior parte, encontrar nas chronicas monasticas, na Bibliotheca de Barbosa, no *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Innocencio F. da Silva, e outros trabalhos bibliographicos, serviço é importante colligi-los com relação a um certo periodo, ou a um certo territorio, concatenal-os, completal-os, mostrando a sua origem, successão, decadencia ou progresso. Com quanto logo desde os primeiros annos da conquista Portugal enviava para o oriente livros e cartilhas, como sabemos por varios documentos, e cartas de Afonso de Albuquerque, ainda inéditos, é certo que só depois da entrada dos jezuitas na India, se estabeleceu alli a typographia sendo elles os seus introductores, como foram em Portugal os que deram maior impulso e desenvolvimento á instrucção, seja qual for a opinião que se possa fazer dos seus methodos, dos seus processos, e dos seus intuitos. No livro do sr. Gracias não só se encontram todas as especies relativas ao assumpto, mas muitas outras concernetes áquella Estado, assaz importantes. São dignos do maior elogio e incentivo todos aquelles que como o auctor, dedicam os ocios do seu emprego ás averiguações historicas, hoje tão descuradas no paiz, e que em todo o mundo occupam agora as attentões dos homens mais serios. Aguardamos a nova edição do *Commentario do Cerco de Goa e Chaul* de Antonio do Castilho, que o auctor nos promette, com o que fará mais um serviço ás lettras patrias.

DICIONARIO UNIV. RSAL PORTUGUEZ, por Francisco d'Almeida — editor Livraria Zeferino, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa. Fasciculo 15.º e 16.º chega até á palavra *Annex*. Este diccionario está sendo publicado com toda a regularidade, e cada vez afirma mais a sua grande importancia.

A PRIMEIRA CONFESSADA, por Gervasio Lobato — editor David Corazzi, Lisboa 1881. Está publicado em livro este romance, que primeiro foi publicado em folhetins no *Jornal da Noite*, e que por ser original do Director do nosso periodico nos abtemos de julgar.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Do dinheiro e da verdade metade da metade.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6.